
ATOS 19:1-7: BATISMO OU REBATISMO?

NATANAEL MORAES¹

ELTON JR.²

Resumo / Abstract

⊙ Este artigo aborda três pontos de Atos 19:1-7: a identidade religiosa dos personagens, a natureza do batismo que lhes foi administrado e a razão pela qual este ocorreu. Na primeira parte, ele apresenta resumidamente a teologia paulina acerca do batismo; em seguida trata do texto e sua relação com a perícopes anterior (At 18:24-28), especialmente o significado da expressão “fervoroso de espírito” e suas implicações para o texto.

Palavras-chave: Batismo; Rebatismo; Apolo; Atos dos Apóstolos.

⊙ This article deals with three points related to the text of the Acts 19:1-7: the religious identity of the characters, the nature of baptism was administered to them by Paul and why this occurred. In the first part, it summarizes the Pauline theology about baptism, afterwards the author comes to the text and its relation to the previous pericope (Acts 18:24-28), specially, the meaning of “fervent in spirit” and this implications for text.

Keywords: Baptism; Rebaptism; Apolo; Acts of the Apostles.

Atos 19 ocupa uma proeminente posição na narrativa do livro, especialmente o incidente com os doze discípulos (19:1-7).³ Ele recebe atenção no estudo teológico (SCOTT, 2005, p. 88), todavia, o episódio ainda permanece

.....
¹ Possui graduação em Teologia pela Faculdade Adventista de Teologia (1978) e Especialização em Aconselhamento Educacional e Familiar (2012), ambos pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). E-mail: nbpmoraes@gmail.com

² Bacharel em Teologia (2008) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). Departamental de Comunicação na Associação Sul-rio-grandense. E-mail: pastoreltonjunior@gmail.com

³ O fato de Lucas ter dito “cerca de doze homens” (*andres hosei dodeka*) dificulta a atribuição de algum simbolismo para esse número. Não parece haver problemas maiores em sua utilização.

controverso. Entre as diversas perguntas que o texto sugere, pode-se incluir a natureza do rito ministrado a estes discípulos. Trata-se de um batismo ou de um rebatismo? O que ocasionou a repetição do rito? Por que Apolo, em uma situação similar, não foi rebatizado?

O presente artigo procura elucidar tais questões, tendo em mente a teologia paulina do batismo. Além disso, salienta as similaridades e diferenças dos relatos sobre os discípulos em Éfeso.

O BATISMO NA TEOLOGIA DE PAULO

O tema do batismo está no centro da teologia de Paulo acerca da conversão.⁴ Embora ele não trate do tema *per se* (HARTMAN, 1997, p. 52), mas apenas em contextos parenéticos (PETERSON, 2001, p. 68), alguns pontos são bem discerníveis. Para Paulo, todos os crentes haviam sido batizados e receberam o Espírito Santo. Ao afirmar que Deus não o havia enviado para batizar, mas para pregar o evangelho (1Co 1:17), ele não está diminuindo a relevância do batismo, como algumas vezes tem sido sugerido (KRUSE, 2012, p. 270). Seu propósito é evidenciar o lugar do batismo no processo de salvação, pois é a resposta de fé do crente à pregação do evangelho (ver Rm 10:14-15; 1Co 15:1-2 [GARLAND, 2003, p. 55; FEE 1987, p. 64]).

Em 1 Coríntios 1:13, Paulo deixa claro que o batismo está intimamente ligado à cruz de Cristo. Ele pergunta: “Acaso, está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?” O mesmo é mencionado em Romanos 6:3-4 e Colossenses 2:11-12. Ao utilizar a fórmula “em Cristo”⁵, Paulo conecta aspectos soteriológicos da morte de Cristo com o batismo. Em outras palavras, nesse rito existe a atualização de sua morte e ressurreição na vida do crente (ver PAROSCHI, 2009, p. 73-100). O batismo constitui uma fronteira completa entre a antiga existência não regenerada e a nova vida em Cristo. Portanto, permanecer no pecado é absurdo para um novo converso, assim como para um escravo emancipado que permanece sujeito ao seu antigo dono. Experimentar essa realidade só é possível mediante a presença do Espírito Santo no crente (BRUCE, 2003, p. 274).

.....

⁴ Não há razões plausíveis para concordar com Michael Hull (2005, p. 240) de que ele é apenas uma presença elusiva.

⁵ Essa era uma fórmula de transferência, provavelmente, extraída do comércio (ver DUNN, 1993, p. 203).



Adicionalmente, existe uma mudança de senhorio por ocasião do batismo. Gálatas 3:26-27 se destina a clarificar isso. As ações de despir-se da velha roupa e vestir-se com outra salientam a mudança de vida,⁶ antes sem Cristo e agora com Ele.⁷ O uso figurado do verbo *endyō* (revestir) com um objeto pessoal (Cristo) salienta que suas características, virtudes e intenções, passam a ser incorporadas pelo crente. Em outras palavras, os batizados, tornaram-se semelhantes a Cristo (LONGENECKER, 2002, p. 156). Ao mencionar a fé nesse contexto, Paulo notifica que encarava essa união com Cristo como dependente dela (HANSEN, 1994) e manifestada exteriormente pelo batismo (RIDDERBOS, 1953, p. 148). Pensar em batismo sem pensar em fé não é correto. Sem fé o batismo não faz sentido (LADD, 1974, p. 507). O apóstolo parece enfatizar que as pessoas batizadas assumem a responsabilidade de viver para Cristo (KRUSE, 2012, p. 270).

Em Efésios 4:1-6 o tema é a unidade, e Paulo afirma que o batismo contribui para esse fim.⁸ O Senhor mencionado, sem dúvida, é Jesus; a fé se refere, possivelmente, à confissão de Jesus como Senhor. O batismo é o rito iniciatório para o qual sua audiência se submeteu ao realizar a confissão de fé, tornando-se, assim, discípulos de Cristo (KRUSE, 2012, p. 272). Portanto, para Paulo, o batismo é um rito de iniciação que envolve confissão de Jesus como Senhor, participação na morte de Cristo e, conseqüente, o recebimento do Espírito Santo através da fé.

O SENTIDO DA PALAVRA “DISCÍPULOS”

Em Atos 19:1-7, a primeira questão a ser resolvida está relacionada à identidade desses homens. Tal questão tem gerado discussões acaloradas. De

.....

⁶ A metáfora é, provavelmente, derivada da tradição hebraica e simbolizava uma mudança espiritual. Há frequentes exemplos dessa na LXX (2Cr. 6:41; Jo 29:14; Sl. 131[132]:9, 16, 18; Pv. 31:25; Is. 51:9; 52:1; 61:10; Zc. 3:3-5; ver FUNG, 1988, p. 172).

⁷ Betz (1979, p.186) sugere que esses versos refletem uma confissão baptismal e que provavelmente o batizando era oficialmente informado de que ao batizar-se seu *status* passava a ser de “Filho de Deus”. Longenecker (2002, p. 155) apoia essa sugestão.

⁸ A sugestão de Raymond Brown (1966, p. 260-271) de que o ensino neotestamentário é que a ministração do batismo só pode ocorrer uma vez, tendo como base a declaração de que “só há um batismo”, tem sua força diminuída pelo contexto. Não parece ser a melhor explicação do verso, uma vez que todo o foco da passagem é a unidade. O batismo é um elemento unificador como enfatizado por Paulo em Gálatas 3:27-28 e 1 Coríntios. 12:13 (LINCOLN, 2002, p. 240). Além disso, a passagem não dá margens para tratar da qualidade ou quantidade desse rito (O'BRIEN, 1999, p. 284).

um lado, há aqueles que sugerem que não se trata de cristãos, mas de discípulos de João (MARSHALL, 1980, p. 323; GAERTNER, 1993; FEE, 1985, p. 87-99; STOTT, 1990, p. 303; FERNANDO; 1998, p. 506; TELLBE, 2009, p. 78). Argumentam que quem não possui o Espírito Santo não é de Cristo (verdadeiro cristão) conforme Romanos 8:9 declara, pois ele é o *sine qua non* da verdadeira experiência cristã. Além disso, afirmam que o fato de que tais discípulos foram batizados em nome de Jesus (v. 4, 5) demonstra que seu batismo anterior não era cristão (STEIN, 2006, p. 38; FEE, 1985, p. 87-99). Há ainda aqueles que afirmam que esta é apenas a primeira impressão de Paulo sobre estes (KRODEL, 1986, p. 356),⁹ não indicando serem discípulos. Do outro lado, há aqueles que preferem vê-los como discípulos cristãos, pois no livro de Atos esta palavra, quando utilizada sem qualquer qualificativo, se refere aos discípulos de Jesus (ver Atos 6:1, 2, 7; 9:1, 10, 19, 26, 38; 11:26, 29; 13:52; 14:20, 22, 28; 15:10; 16:1; 18:23, 27).¹⁰ Para eles, se Lucas desejasse afirmar o contrário, poderia tê-lo feito de maneira explícita (BRUCE, 1988, p. 363; FITZMYER, 2008, p. 642; PERVO, ATTRIDGE, 2009, p. 468). Afirmam ainda que o uso do verbo *pisteuō* para descrevê-los, sugere sua vida cristã¹¹, pois tal verbo geralmente se refere a Jesus em Atos. Além disso, a fé é a essência do discipulado (ver Jo 8:31 [MENZIES, 1994, p. 222; RENGSTORF, 1964, p. 458]). Qual dos dois grupos parece ter mais apoio do texto? A fim de responder tal questão é necessário avaliar alguns pontos.

É evidente que Lucas costumeiramente utiliza o substantivo *mathētēs* para se referir aos cristãos em Atos. Todavia, seu uso aqui é singular, pois esta é a única vez em todo o livro que este substantivo, no plural,¹² é utilizado sem o artigo definido, o que pode indicar que não eram vistos como parte do grupo de discípulos.¹³ Além disso, os exemplos do uso desse substantivo em outros lugares, por Lucas, mostra que o termo em si não é uma evidência decisiva (SHAUF, 2005,

.....

⁹ Para Paulo havia uma relação estreita entre batismo e derramamento do Espírito Santo, e pode ser visualizada em Atos 19:2, pois o uso do particípio aoristo *pisteuō* (crer) conectado ao verbo *lambanō* (receber) também no aoristo sugere ações simultâneas (ver WALLACE, 1999, p. 614, 624-625).

¹⁰ Essa observação é desconsiderada equivocadamente por J. MacArthur (1994, p. 326).

¹¹ Esse é um fato comum em Atos (ver 2:44; 4:4, 32; 5:14; 8:13; 9:42; 10:43; 11:17, 21; 13:12, 39, 48; 14:1, 23; 15:5; 16:31, 34; 17:12; 18:8 [2x], 27; 19:18; 21:20, 25; 22:19).

¹² Em Atos 9:10, 26 e 16:1 e 21:16 o adjetivo indefinido *tis* aparece, todavia *mathētēs* está no singular em todos os versos.

¹³ *Hoi mathētai* é quase um termo técnico para Lucas se referir a comunidade cristã (ver DUNN, 1970, p. 84).



p. 146-147). A expressão *tinās mathētas* não tem paralelos em Atos e pode ter um sentido qualificativo e não apenas quantitativo. Assim, a tradução pode indicar “certos discípulos” e não apenas “alguns discípulos” (SHAUF, 2005, p. 147).

O verbo *pisteuō* descreve a fé cristã e pressupõe algum conhecimento de Cristo (FITZMYER, 2008, p. 643), normalmente, em Atos. No contexto, parece ser justamente o que faltava a estes homens, pois Paulo os exorta a que cressem em Jesus (v. 4: *hina pisteusōsin tout' estin eis ton Iēsoun*). Como incorporar isso à declaração do verso 2, onde eles são apresentados como crentes? Uma boa explicação é dada por Ellen G. White, quando diz:

Quando João Batista estava pregando, muitos, em suas visitas a Jerusalém por ocasião das festas anuais, haviam ido às barrancas do Jordão para ouvi-lo. Ali ouviram eles ser Jesus proclamado como o Prometido, e tinham levado as novas a todas as partes do mundo (WHITE, 2006, p. 281-282).

O conhecimento desses homens sobre Jesus era, portanto, limitado. Eventos como sua morte, ressurreição e ascensão lhes eram desconhecidos (ver DUNN, 1970, p. 85; WHITE, 2006, p. 282). O fato de terem sido batizados em nome de Jesus pode fortalecer a ideia de que não eram cristãos. O desconhecimento do derramamento do Espírito no Pentecostes também sugere que eles não eram cristãos. Uma vez que para Paulo não existe cristianismo sem o Espírito Santo.¹⁴

Propor que eles eram sectários (LONGENECKER, 1981, p. 493) é ir além da evidência disponível. Além disso, não há comprovação sobre a existência de uma seita Batista (SHAUF, 2005, p. 148) em Éfeso, o que certamente enfraquece essa sugestão.¹⁵ Por fim, a conjectura de que o ocorrido é apenas uma impressão de Paulo é fantasiosa e não há evidência contextual que possa amparar tal afirmação.¹⁶ O paralelo com a descrição anterior de Apolo pode fortalecer o que propomos aqui, pois uma situação similar ocorre: é dito que ele conhecia “o caminho do Senhor” (*tēn*

.....

¹⁴ Isso evidencia sua diferença em relação a outros discípulos, ao contrário do que pensa R. Lenski (1934, p. 780).

¹⁵ Embora haja ainda quem defenda essa ideia (PERVO, ATTRIDGE, 2009, p. 469) é difícil aceitar a hipótese. Para as fraquezas dessa sugestão veja Paroschi (2009, p. 73-100).

¹⁶ Stanley E. Porter (1999, p. 83) salienta que não está claro que Lucas tenha utilizado essa técnica em algum lugar em Atos, especialmente quando se trata de Paulo.

hodon)¹⁷, mas é afirmado também que ele só conhecia o batismo de João. Assim, Lucas pressupõe uma limitação em seu conhecimento e esse fato é reforçado pela adicional explicação de Priscila e Áquila. Portanto, o termo exatidão (*akribōs*) deve ser relativizado aqui.¹⁸ É melhor vê-los como discípulos de João (KÖSTENBERGER *et al.*, 2009, p. 362).

BATISMO OU REBATISMO?

Outro ponto intrigante da narrativa diz respeito ao seu batismo. Eles foram batizados ou rebatizados? O verso 3 apresenta a pergunta de Paulo a estes discípulos: “portanto (*oun*), em que (*eis ti*) fostes batizados?” e tem como resposta: “no batismo de João” (*eis to Iōannou baptisma*). A resposta levanta algumas questões: como entender o genitivo? O genitivo *Iōannou* pode ser sintaticamente entendido, dentro do contexto,¹⁹ apenas de duas formas:

158

- ◇ *Genitivo Subjetivo*: Este substantivo, por estar no genitivo, funciona semanticamente como o sujeito da ideia verbal implícita no substantivo principal (WALLACE, 1999, p. 113), a saber, *baptisma*. A compreensão deve, então, ser: o batismo feito por João mesmo;
- ◇ *Genitivo Adjetivo*: Além de ser a forma mais comum do genitivo, é a preferida por Lucas (MOULTON, TURNER, 1963, p. 207). A compreensão do texto nesse caso é: o batismo Joanino, ou semelhante ao de João. Não necessariamente realizado por João mesmo.

Qual das duas opções corresponde melhor ao contexto? De acordo com o verso 4, é melhor ver aqui um genitivo subjetivo, pois Paulo afirma que João realizou um batismo de arrependimento. Dificilmente é perceptível apenas a

.....

¹⁷ Essa expressão é normalmente uma descrição de cristianismo, Atos 9:2; 19:9, 23; 22:4; 24:14, 22 (BARRETT, 1984, p. 29). Todavia, aqui há dificuldade com o contexto.

¹⁸ Não parece haver razões suficientes para concordar com Carson que afirma seu conhecimento do ministério de Jesus em Donald Carson (1987, p. 149).

¹⁹ W. Paroschi (2009, p. 87, 88) deixa claro que sintaticamente há ainda outra possibilidade e esta consiste em torná-lo o objeto da ideia verbal do substantivo *baptisma*, tendo como implicação o momento ou a ocasião em que João foi batizado, mas essa segundo ele, definitivamente não tem nada a ver com o contexto apresentado.



ideia de sua forma ou origem. Além disso, a expressão “batismo de João” (*to Iōannou baptisma*), nas sete vezes em que ocorre no NT (ver Mt. 21:25; Mc. 11:30; Lc. 7:29; 20:4; At. 1:22, 10:37, 18:25) anteriores a essa, se refere ao batismo realizado por João mesmo. Atos 18:25 é uma provável exceção.

A fim de compreender sua ignorância quanto ao Espírito Santo, devemos sugerir que eles desconheciam o Pentecostes.²⁰ A tradução do verso 2 auxilia a compreender esta proposta. São três as alternativas de tradução para *oud' ei Pneuma Hagion estin ekousamen*: 1) “Não temos ouvido se há um Espírito Santo”; 2) “Não temos ouvido se o Espírito Santo foi [dado]”; e 3) “Não temos ouvido se um Espírito possa ser santo”.

Dentre estas três sugestões, a terceira pode ser descartada, e a razão principal para isso é a pergunta de Paulo. Ele lhes questiona sobre a *recepção* do Espírito e não sobre sua *natureza*. Soma-se a isso a posição do verbo *eimi*, que dificulta essa tradução, praticamente obrigando o tradutor a interpretar *hagion* atributivamente. Em segundo lugar, o fato de terem sido batizados por João, certamente, envolveu algum conhecimento sobre o Espírito Santo.²¹ Além disso, o Espírito era conhecido pelo Judaísmo (WITHERINGTON III, 1998, p. 571). Isso também diminui o peso da primeira tradução. Portanto, optamos pela segunda. E aqui é possível contar ainda com o apoio da crítica textual, pois alguns manuscritos acrescentam ao texto *lambanousin tines* (“alguém tenha recebido”),²² o que indica que essa tradução era vista como o provável entendimento da passagem. Em adição, as versões Copta Saídica²³ e Síriaca Peshita²⁴ também apontam nessa direção. Portanto, essa compreensão do verso se ajusta melhor ao contexto. A sugestão de que interpretar o texto dessa forma é um erro gramatical, como tem sido algumas vezes feita (PAGE, 1886, p. 205), não pode, como já demonstrado, ser defendida satisfatoriamente.

A pergunta, por sua vez, pressupõe que eles deveriam ter recebido o Espírito Santo em conexão com seu batismo. Essa inferência é clara pelo uso do conectivo *oun*. À semelhança de Atos 2:38, Paulo entende que

.....

²⁰ A sugestão de Larkin (1995) sobre Atos 19:8 é de que sua compreensão do Pentecostes não era clara nem persuasiva.

²¹ Esta é a declaração unânime dos Evangelhos (ver Mt. 3:11, 16; Mc. 1:8, 10; Lc. 3:16; Jo. 1:33).

²² Tal é a leitura de alguns Manuscritos Ocidentais (ver NESTLE *et al.* 1993, p. 378).

²³ *Sahidic Coptic New Testament in English* traduzida por G. Horner.

²⁴ *The Syriac New Testament: Translated into English from the Syriac Peshitto Version*, traduzida por J. Murdock.

esse rito está, de alguma forma, ligado ao derramamento do Espírito.²⁵ Para ele a plenitude da vida cristã estava intimamente ligada à presença do Espírito (Rm 8:9; 1Co 2:10-16 [PAIGE, 1993, p. 407]). O verso 4 sugere a natureza do batismo de João, a saber, “de arrependimento” (*ebaptisen baptisma metanoias*), o que pode evidenciar, dado o contexto, sua *limitação*. O Espírito Santo era um aspecto relevante que o batismo de João não abarcava, embora desempenhasse um papel no cumprimento do plano redentivo de Deus. Tal batismo completou seu valor histórico-salvífico (KÖSTENBERGER, 2006, p. 19) por ocasião do início do ministério de Cristo, pois apontava para Ele. Em João 1:31, é dito que foi para revelar o Messias a Israel que João Batista batizava. Assim, seu batismo não era um fim em si mesmo, mas tinha uma orientação cristológica (KÖSTENBERGER, 2006, p. 30). Porém, havia similaridades entre este e o batismo em nome de Jesus. O batismo cristão não era exclusivo em relação ao batismo de João, mas inclusivo (STEIN, 2006, p. 35). Ambos envolviam imersão na água, arrependimento, a promessa do perdão de pecados (At 2:38).²⁶ Mas, o batismo em nome de Jesus possuía dois elementos adicionais: a administração em nome dele e o dom do Espírito Santo (At 2:38; 8:14-17; 10:47-48; 19:5-6 [ver PAROSCHI, 2009, p. 95]).

Temos aqui um caso de rebatismo (ver WHITE, 2010, p. 372-373) (v. 5 *ebaptisthēsan*) em virtude das similaridades entre esses dois batismos.²⁷ Pois o batismo em nome de Jesus era uma reinterpretção do batismo de João à luz do evento Cristo (DAPAAH, 2005, p.104 -105). Essa é a única referência ao mesmo presente em o NT. Porém, esta proposta de rebatismo também não está livre de discussão.²⁸ Há quem afirme que não houve um batismo com água, mas somente com o Espírito Santo (CALVIN, 1995). Entretanto, é preciso observar que a descida do Espírito se dá por ocasião da imposição de mãos e não do batismo (v. 6: *kai epithentos autois tou Paulou [tas] cheiras êlthe to Pneuma to Hagion ep' autous*), o que certamente

.....

²⁵ A proposta de Wainwright (2000), de que à luz de todo o livro tal relação é difícil de defender, parece contradizer essa passagem, entre outras, que estabelecem uma espécie de padrão para a descida do Espírito em Atos.

²⁶ Veja uma defesa dessa posição em Randolph Miller (2002, p. 12-14).

²⁷ Afirmar, como o fazem W. J. Larkin *et al.* (1995) ao comentar Atos 19:8, que o batismo de arrependimento é mais do que incompleto é obsoleto e, portanto, não houve rebatismo; vai além das evidências.

²⁸ Haenchen (1971, p. 553), por exemplo, chama isso de uma visão que soa incongruente para Lucas.



enfraquece esta sugestão. Todavia, é equivocado concluir a partir disso que Paulo separa a dotação do Espírito do batismo.²⁹

O derramamento do Espírito Santo nesse episódio é uma miniaturização do Pentecostes que adicionou estes discípulos a igreja primitiva e vindicou a autoridade apostólica de Paulo. E por tal razão se tornaram aptos a falar em línguas e profetizar conforme a promessa de Joel 2:28-29 (ver PETERSON, 2009, p. 532). Mas a pergunta que surge é: Por que eles foram rebatizados?³⁰ O desconhecimento da missão do Espírito foi o ponto que ocasionou o ensino paulino a respeito do batismo e seu aspecto preparatório (BRUCE, 1988, p. 364) na história da salvação (v. 4: *Iōannēs ebaptisen baptisma metanoias tō laō legōn eis ton erchomenon met’ auton hina pisteusōsin tout’ estin eis ton Iēsoun*). Eles não eram discípulos cristãos em face dessa omissão (BOCK 2007, p. 599; ARNOLD, 2002, p. 406). Assim, o rebatismo em nome de Jesus os tornou cristãos (FITZMYER, 2008, p. 644). O ensino de Paulo relembra Atos 13:24-25 (SHAUF, 2005, p. 158).

APOLO E O REBATISMO DOS EFÉSIOS

161

A relação entre as histórias de Apolo e os doze discípulos do capítulo 19 permanece um ponto controverso. Enquanto esses foram rebatizados, Apolo não o foi, pelo menos não há evidências disso no relato (MEYER, 1877, p. 145). É provável que a justaposição das narrativas sugira o oposto.³¹ Embora haja similaridades nas duas descrições há também diferenças consideráveis.³² Como o faz em Atos 4:32–5:11 e em 17:1-15, Lucas pode justapor esses dois incidentes para realçar

.....

²⁹ A tentativa de Dunn (1970, p. 87) de ver apenas um evento (batismo e imposição de mãos) e não dois, não resiste a análise em Atos. O verbo *epitithēmi* (impor) não é restrito apenas ao batismo nesse livro (cf. 6:6; 8:17, 19; 9:17).

³⁰ Bruce (1973, p. 166-183) sugere, ainda que admita como mera especulação, que esses discípulos podem ter sido batizados mais recentemente, quando a era do Espírito já havia sido inaugurada. Todavia, se estamos corretos em interpretar a expressão “batismo de João” como o batismo que o próprio João efetuou, então é difícil ver como essa ideia possa ser, ainda que de forma especulativa, aceita.

³¹ Miller (2002, p. 34) desconsidera isso ao propor que ele foi rebatizado sob Priscila e Áquila.

³² Shauf (2005, p. 143) destaca que há distintas ênfases nas histórias. Enquanto Lucas usa apenas uma frase para falar de alguma deficiência de Apolo (conhecendo somente o batismo de João) há muitas que destacam suas qualidades e serviço a favor do Evangelho. Todavia, o inverso ocorre com os discípulos efésios.

estas similaridades e diferenças.³³ Ao colocá-las juntas, Lucas, provavelmente intencionava a leitura de cada história à luz da outra.³⁴ Possivelmente sua intenção era gerar uma comparação (WITHERINGTON III, 1998, p. 569). Por tal razão, o texto levanta também algumas perguntas: Por que Apolo não foi rebatizado como os discípulos Efésios? Ele havia recebido o Espírito Santo ou não?

A Expressão *zeōn tō pneumati*

A expressão Lucana *zeōn tō pneumati* tem sido traduzida por “sendo fervoroso de espírito” (ARA) e “fervoroso no Espírito” (RSV). Isto demonstra a dificuldade de compreensão dessa frase que pode ser considerada a chave para a questão. Todavia, qual destas traduções tem mais chance de ser a correta?

Tal oração aparece dentro de um contexto relacionado a diferença de Apolo³⁵ em relação aos efésios (v. 25: *houtos ēn katēchēmenos tēn hodon tou Kyriou kai zeōn tō pneumati elalei kai edidasken akribōs ta peri tou Iēsou*), o que pode sugerir que ele possuía o Espírito Santo.³⁶ Embora esse argumento não seja decisivo,³⁷ ele tem algum peso para explicar o motivo de Apolo não ser rebatizado.³⁸ Em segundo lugar, o uso do verbo *zeō* (ferver)³⁹ é sugestiva, pois várias vezes o Espírito é associado com o fogo (ver Is 4:4; 30:27, 28; Mt 3:11; Lc 3:16; At 2:3; I Ts 5:19; Ap 4:5).⁴⁰ Em terceiro lugar, Beasley-Murray nos lembra que o uso de *tō pneuma*, como referência ao próprio espírito de alguém, é incomum (BEASLEY-MUR-

162

.....
³³ Essa é a sugestão de David Peterson (2009, p. 524).

³⁴ Haenchen (1971, p. 552) salienta que há uma continuação dos relatos. Além disso, a expressão Egeneto de *en tō ton Apollō einai en Korinthō* sugere isso.

³⁵ O Texto Ocidental indica que seu contato com a fé cristã se deu em seu próprio país (ver METZGER, 1994, p. 413). Embora não haja evidências disso, não é de todo impossível como nos lembra Barrett (2004, p. 888).

³⁶ A esse respeito veja Dunn (1970, p. 88).

³⁷ Mesmo em face dessa omissão, os efésios podem ser considerados cristãos. Esse é o argumento de Stanley Porter (1999, p. 53).

³⁸ Trites (2006, p. 557) sugere que se Apolo tinha o Espírito Santo ele havia experimentado e compreendido mais que os discípulos efésios e, assim, ele estava um passo à frente deles.

³⁹ Neste caso discordamos de W. Arndt *et al.* (2000, p. 426), pois relacionam apenas aspectos emocionais com este verbo.

⁴⁰ O argumento é apresentado para a defesa do Espírito Santo em Romanos 12:11, todavia ele é bastante útil e relevante aqui também (SCHREINER, 1998, p. 665).



RAY, 1962, p. 110).⁴¹ O uso do artigo no dativo antes dessa palavra permite que a expressão seja lida: “fervoroso no Espírito” (BOCK, 2007, p. 591). É interessante como Lucas utiliza esta expressão⁴² normalmente, tanto no Evangelho como em Atos, ela parece se referir a um espírito sobrenatural⁴³ (Lc 2:27; 8:29; 9:42; At 6:10; 16:18; 19:21; 20:22⁴⁴). Esse é um dativo de referência ou respeito (BLASS *et al.* 1961, p. 105). Portanto, torna-se quase um advérbio e pode ser traduzido: fervoroso espiritualmente (MOULTON, TURNER, 1963, p. 220). Em quarto lugar, o fato de que ele não tenha sido rebatizado em contraste com a narrativa dos discípulos efésios pode fortalecer a proposta de que ele já O havia recebido (DUNN, 1996, p. 121), e pode explicar porque não houve imposição de mãos sobre ele, tal como ocorreu em Éfeso (BARRET, 2004, p. 898).

Todavia, alguns têm sido reticentes em aceitar tais argumentos (ver MUNCK, 1967, p. 183; HAENCHEN, 1971, p. 550; PAROSCHI, 2009, p. 91-93). Sugerem que a referida expressão está ligada a sua eloquência (CONZELMANN *et al.*, 1987, p. 158; PACKER, 1966, p. 159), entusiasmo (PARSONS, 2008, p. 262) ou mesmo erudição (STOTT, 1994, p. 302). Entretanto, isso resultaria em tautologia, pois tais atributos naturais já foram referidos por Lucas no v. 24 (*anēr logios* [OEPKE, 1964, p. 876]). É provável que ele estivesse indicando essa dotação para pregar de maneira eficaz. A soma destes pontos pode nos auxiliar a compreender porque Priscila e Áquila apenas o instruíram com mais exatidão⁴⁵ (v. 26: *akribesteron autō exethento tēn hodon*) sem a necessidade do rebatismo.⁴⁶ Provavelmente, assim como no caso dos discípulos no Pentecostes, o batismo de

.....

⁴¹ Embora ele veja um paralelo com Atos 17:16 onde é dito de Paulo *parōxyneto to pneuma autou*, o pronome o desfavorece como tal.

⁴² Parece haver boas razões para discordar de Johannes Louw e Eugene Nida (2013, p. 267) de que a expressão se refere a entusiasmo ou eloquência.

⁴³ Assim, a declaração de Johnson de que Lucas evita seu estereótipo normal: cheio do Espírito (JOHNSON, 1992, p. 332) perde completamente a sua força.

⁴⁴ À luz do verso 23, parece correto afirmar que Lucas se refere ao Espírito Santo.

⁴⁵ A conjunção *te* sugere uma ligação entre o verso 18:25 e 26, especialmente ligando a frase “conhecendo apenas o batismo de João” com sua pregação, esse bem podia ser o conteúdo da mesma. Essa pode ser uma boa explicação para o motivo e conteúdo dessa orientação mais exata. Embora O’Connor (2008, p. 204) não se refira a essa conjunção, sua conclusão não é diferente, pois ele declara que o único objetivo da frase “conhecendo somente o batismo de João” é explicar o motivo da adicional instrução.

⁴⁶ Carece de evidências a sugestão (NEIL, 1973, p. 201) de que ele poderia ter rejeitado o batismo em nome de Jesus.

João somado à recepção do Espírito Santo, lhe inseriu naquilo que o rito cristão contemplava, tornando desnecessário um rebatismo (BRUCE, 2003, p. 427, 428). Tão simples como indicado, essa solução ainda parece a mais plausível, tanto pelo contexto imediato quanto pelo contexto mais amplo do livro de Atos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de Apolo e os doze homens de Éfeso parecem ter sido redigidas com o propósito de comparação. Ao mesmo tempo em que apresentam similaridades também destacam diferenças consideráveis. É improvável que haja correta compreensão sem levar em conta tais pontos. As similaridades podem ser sumarizadas em dois pontos: 1) o conhecimento apenas do batismo de João e 2) as informações limitadas do ministério de Jesus. Ambos os relatos destacam essas características em Apolo e nos efésios. As diferenças em três: recepção do Espírito Santo, rebatismo e pregação do Evangelho.

164

Parece claro o motivo pelo qual Apolo, ao contrário dos efésios, não passou pelo rebatismo. Ele havia recebido o Espírito Santo ao passo que tais discípulos desconheciam sua obra. Ele pode ser o representante de um número desconhecido de pessoas que pertenciam aos discípulos de João, mas que se tornaram cristãs e receberam o Espírito Santo mesmo sem a intervenção eclesiástica, tal como era o caso dos 120 por ocasião do Pentecostes.⁴⁷

Todavia, este incidente em Éfeso é singular em Atos e em todo o NT, uma vez que não há nenhuma menção ao rebatismo, excetuando-se essa, em qualquer destes documentos. Por tal razão, esse ato não deve ser exagerado pela igreja contemporânea. Entretanto, isso não significa que esse procedimento não deva ocorrer, pois parece haver base sólida para sua prática, ainda que dentro de certos limites. Ele deverá ocorrer apenas em circunstâncias especiais e será relativamente raro (NICHOL, 1980, p. 373).

À luz da teologia de Paulo acerca do batismo, parece que a repetição do rito na vida desses homens os inseriu naquilo que o batismo cristão contemplava. Confirmação do senhorio de Jesus, participação na sua morte, ressurreição e o recebimento do Espírito Santo.

.....

⁴⁷ Essa é a sugestão de G. R. Beasley-Murray (1962, p. 110).



REFERÊNCIAS

ARNDT, W.; DANKER, F. W.; BAUER, W. **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

ARNOLD, C. E. **Zondervan illustrated bible backgrounds commentary: John, Acts**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. v. 2.

BARRETT, C. K. **A critical and exegetical commentary on the Acts of the Apostles**. Edinburgh: T&T Clark, 2004. (The international critical commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testaments).

_____. Apollos and the Twelve Disciples of Ephesus. In: WEINRICH, W. C. (Ed.). **The New Testament Age**. Macon: Mercer University Press, 1984. v. 2.

BEASLEY-MURRAY, G. R. **Baptism in the New Testament**. Milton Keynes: Paternoster, 1962.

BETZ, H. **Galatians: a commentary on Paul's letter to the churches in Galatia**. Philadelphia: Fortress Press, 1979. (Hermeneia: a critical and historical commentary on the Bible).

BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. W. **A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BOCK, D. L. **Baker exegetical commentary on the New Testament: acts**. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

BROWN, R. We profess one baptism for the forgiveness of sins. **Worship**, v. 40, n. 5, p. 260-271, 1966.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

_____. **The New International Commentary on the New Testament: the book of the Acts**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988.

CALVIN, J. **The Crossway classic commentaries: Acts.** Wheaton: Crossway Books, 1995.

CARSON, D. **Showing the Spirit: a theological exposition of 1 Corinthians 12-14.** Grand Rapids: Baker Book House, 1987.

CONZELMANN, H.; EPP, E. J.; MATTHEWS, C. R. **Acts of the Apostles: a commentary on the Acts of the Apostles.** Philadelphia: Fortress Press, 1987.

DAPAAH, D. S. **The relationship between John the Baptist and Jesus of Nazareth: a critical Study.** Laham: University Press of America, 2005.

DUNN, J. **Baptism in New Bible dictionary.** Leicester: InterVarsity Press, 1996.

_____. **Baptism in the Holy Spirit: a re-examination of the New Testament Teaching on the Gift of the Spirit in Relation to Pentecostalism Today.** London: Long Lane, 1970.

_____. **Black's New Testament commentary: the epistle to the Galatians.** Peabody: Hendrickson Publishers, 1993.

FEE, G. Baptism in the Holy Spirit: the issue of separability and subsequence. **The Journal of the Society for Pentecostal Studies**, v. 7, n. 2, p. 87-99, 1985.

_____. **The first epistle to the Corinthians.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987. (The New international commentary on the New Testament).

FERNANDO, A. **The NIV Application Commentary: Acts.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1998.

FITZMYER, J. A. **The Acts of the Apostles: a new translation with introduction and commentary.** New Haven; London: Yale University Press, 2008.

FUNG, R. **The New international commentary on the New Testament: the epistle to the Galatians.** Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1988.

GAERTNER, D. **The College Press NIV commentary: Acts (At 19:7).** Joplin: College Press, 1993.



GARLAND, D. **1 Corinthians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2003. (Baker exegetical commentary on the New Testament).

HAENCHEN, E. **The Acts of the Apostles: a commentary**. Philadelphia: The Westminster Press, 1971.

HANSEN, G. W. **The IVP New Testament commentary series: Galatians**. (Gal. 3:28). Downers Grove: InterVarsity Press, 1994.

HARTMAN, L. **Into the name of lord Jesus: baptism in the early church**. Edinburgh: T. & T. Clark Ltd, 1997. (Studies of the New Testament and Its World).

HULL, M. **Baptism on account of the dead (1Cor 15:29): an act of faith in the resurrection**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

JOHNSON, L. T. **The Acts of the Apostles**. Collegeville: Liturgical, 1992.

KÖSTENBERGER, A. J. Baptism in the gospels. In: SCHREINER, T.; WRIGHT, S. D. (Eds.). **Believer's baptism: sign of the new covenant in Christ**. Nashville: B&H Publishing Group, 2006.

167

KÖSTENBERGER, A.; KELLUM, L.; QUARLES, C. **The cradle, the cross, and the crown: an introduction to the New Testament**. Nashville: B. & H. Publishing Group, 2009.

KRODEL, G. A. **Augsburg Commentary on the New Testament: Acts**. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1986.

KRUSE, C. **Paul's Letter to the Romans**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2012.

LADD, G. E. **Theology of the New Testament**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974.

LARKIN, W. J.; BRISCOE D. S.; ROBINSON H. W. **The IVP new testament commentary series: Acts**. Downers: InterVarsity Press. 1995. v. 5.

LENSKI, R. **The interpretation of the Acts of the Apostles**. Minneapolis: Augs-

burg Publishing House, 1934.

LINCOLN, A. T. **Word Biblical Commentary: Ephesians**. Dallas: Word, Incorporated, 2002.

LONGENECKER, R. The Acts of the Apostles. In: GAEBELEIN, F. E. (Ed.). **The Expositor's Bible Commentary: John and Acts**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1981. v. 9.

_____. **Word Biblical Commentary: Galatians**. Dallas: Word, Incorporated, 2002. v. 41.

LOUW J.; NIDA, E. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACARTHUR, J. **Acts**. Chicago: Moody Press, 1994. (MacArthur New Testament Commentary)

168

MARSHALL, H. **Tyndale New Testament Commentaries: Acts**, an introduction and commentary. (323). Downers Grove: InterVarsity Press, 1980. v. 5.

MENZIES, R. **Empowered for witness: the spirit in Luke-Acts**. London: Sheffield Academic Press, 1994.

METZGER, B. **A textual commentary on the Greek New Testament**. London: United Bible Societies, 1994.

MEYER, H. A. W. **Critical and exegetical handbook to the Acts of the Apostles**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1877. v. 2. (Critical and Exegetical Commentary on the New Testament).

MILLER, R. **A Historical and Theological Look at the Doctrine of Christian Baptism**. Bloomington: Writers Club Press, 2002.

MOULTON, J. H.; TURNER, N. **A grammar of New Testament Greek: Syntax**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1963. v. 3.

MUNCK, J. **The Acts of the Apostles: introduction, translation, and notes**.



Garden City: Doubleday, 1967.

NEIL, W. **Acts**. Grand Rapids: Eerdmans, 1973. (New Centaury Bible Commentary).

NESTLE, E.; ALAND, K.; ALAND, B. **Institut für Neutestamentliche Textforschung**: Novum Testamentum Graece. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1993.

NICHOL, F. D. (Eds.). **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980. v. 6.

O'CONNOR, J. M. **St. Paul's Ephesus: texts an archeology**. Collegetown: Liturgical Press, 2008.

O'BRIEN, P. T. **The Pillar New Testament commentary: the letter to the Ephesians**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

OEPKE, A. *zeō*. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G.; BROMILEY G. W.; FRIEDRICH, G. (Eds.). **Theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

169

PACKER, J. **Acts of the Apostles**. Cambridge University Press, 1966.

PAGE, T. E. **The Acts of the Apostles**. London: Macmillan, 1886.

PAIGE, T. Holy spirit. In: HAWTHORNE, G. E.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. (Eds.). **Dictionary of Paul and his letters**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993.

PAROSCHI, W. Acts 19:1-7 reconsidered in light of Paul's theology. **Andrews University Seminary Studies**, v. 47, n. 1, p. 73-100, 2009.

PARSONS, M. **Acts**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008. (Paidea: commentaries on the New Testament).

PERVO, R. I.; ATTRIDGE, H. W. **Acts: a commentary on the Book of Acts**. Minneapolis: Fortress Press, 2009. (Hermeneia: a critical and historical commentary on the Bible).

PETERSON, D. **The Acts of the Apostles**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2009.

PETERSON, J. The circumcision of the Christ: the significance of baptism In Colossians and the churches of the restoration. **Restoration Quarterly**, v. 43, n. 2, 2001.

PORTER, S. **The Paul of Acts**: essays in literary criticism, rhetoric, and theology. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999. (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament, 115).

RENGSTORF, H. *mathētēs*. In: KITTEL, G.; BROMILEY, G. W.; FRIEDRICH, G. (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964. v. 4.

RIDDERBOS, H. **The New International Commentary on the Old and New Testament**: the epistle of Paul to the Churches of Galatia. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

SCHREINER, T. R. **Baker exegetical commentary on the New Testament**: Romans. Grand Rapids: Baker Books, 1998. v. 6.

SCOTT, S. **Theology as history, history as theology**: Paul in Ephesus in Acts 19. New York: Walter de Gruyter, 2005.

SHAUF, S. **Theology as history, history as theology**: Paul in Ephesus in Acts 19. New York: Walter de Gruyter, 2005.

STEIN, R. Baptism in Luke-Acts. SCHREINER, T.; WRIGHT, S. D. (Eds.). **Believer's baptism**: sign of the new covenant in Christ. Nashville: B&H Publishing Group, 2006.

STOTT, J. **The message of Acts**: The Spirit, the church & the world. Leicester: Inter-Varsity Press, 1990. (The Bible speaks today)

TELLBE, M. **Christ**: believers. In: Ephesus. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009. (Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament).



TRITES, A. A.; WILLIAM J. L. **Cornerstone biblical commentary**: the gospel of Luke and Acts. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2006. v. 12.

WAINWRIGHT, G. Baptism, baptismal rites. In: MARTIN R. P., DAVIDS P. H. (Eds.). **Dictionary of the later new testament and its developments**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2000.

WALLACE, D. **Greek grammar beyond the basics**: exegetical syntax of the New Testament. Grand Rapids: Zondervan Publishing House and Galaxie Software, 1999.

WHITE, E. G. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

WITHERINGTON III, B. **The Acts of the Apostles**: a socio-rhetorical commentary. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.